

# Falta de recursos provoca caos educacional no ES

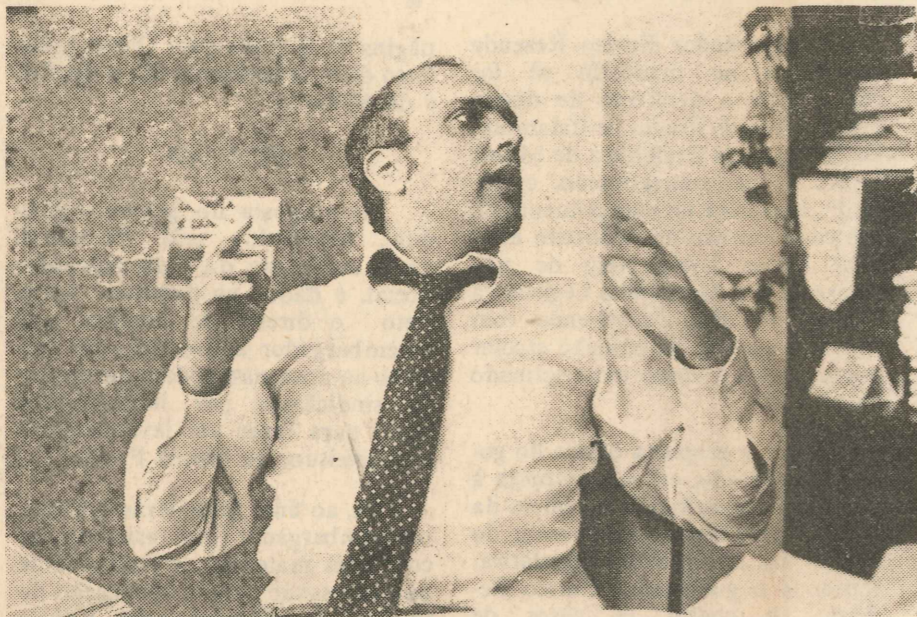
Texto: Nilo De Mingo  
Fotos: Arquivo

“O Brasil vive agora sua maior crise educacional”, disse esta semana o ministro Eduardo Portella, da Educação. E, ao que parece, tem toda razão. Pelo menos se observarmos a situação do ensino, no Espírito Santo, onde professores da rede estadual reivindicam melhores salários e entram em greve; o índice de analfabetismo chega aos 38%, a evasão escolar é grande e os desníveis sociais, fazem com que a cada ano a escola seja um privilégio das camadas mais ricas da população.

A questão social está intimamente ligada à problemática do ensino no Estado. Casos de crianças com fome assistindo aulas e às vezes sendo socorridas, em termos de alimentos, pelos professores, são comuns. Existem professores residindo em barracos, dando exemplos para seus alunos, em nada compatíveis com as finalidades da sua profissão.

O secretário da Educação, Stélio Dias, concorda com a crise no ensino e diz que ela faz parte do quadro da crise econômica por que passa o Brasil. “Defendo desde 1979 a necessidade de novas fontes de recursos para o setor da educação. Em 1981 a crise será pior, pois teremos os problemas de 1980 acumulados com os de 1981. Ao meu ver os problemas de 1980 são devidos à falta de recursos para atender a demanda existente”.

Ele disse ainda que: “a reivindicação de mais verbas para a



O secretário Stélio Dias admite que a situação vai piorar

## 630 mil analfabetos no ES

O Espírito Santo tem hoje quase 20 mil professores, cerca de 460 mil alunos, distribuídos em pré-escolas, primeiro e segundo graus, 149 estabelecimentos de ensino e 11 mil salas de aula. Ao lado disso, existe um percentual em torno de 38% de analfabetos, ou seja 630 mil pessoas que não sabem ler e escrever, dentro de uma população aproximada de 1.700.000 habitantes. No fim do ano de 1979, o secretário da educação, Stélio Dias afirmava que de uma população de 851.324 pessoas entre zero a 14 aos, 435.796 ficariam sem escolas em 1980. Quadro pouco animador para o setor educacional do Espírito Santo.

A situação não é nova. Já em 1977, no documento denominado “Espírito Santo: Crescimento e Desigualdade Social”, a situação do ensino era devidamente analisada, principalmente no que se refere ao relacionamento entre distribuição de renda e escolaridade. “Pode-se afirmar que a distribuição de renda é um condicionante da escolaridade do indivíduo, apesar do esforço que o Estado vem fazendo no Brasil para a democratização da escola. Há uma forte correlação entre a população sem renda e a sem

enfim, massacra o professor, para receber em troca um voto a mais. Grande parte dos problemas hoje existentes na educação pode, sem nenhuma margem de erro ou injustiça, ser creditada aos políticos, com honrosas exceções.

### MERENDA

A merenda escolar também é vista pelos professores no documento da Upes: “a questão de merenda escolar, que lamentavelmente vem sendo eliminada e substituída pelas cantinas, contribui em larga escala para a evasão do ensino, principalmente no tocantes ao bloqueio psicológico do educando. De um lado, a deficiência do serviço — parte da merenda fornecida tem que ser subsidiada com recursos da própria Escola —, levando a subalimentação dos alunos. De outro lado, a criação de cantinas, que favorecem à depreciação dos espírito de igualdade. Enquanto uns, com maior poder aquisitivo, levam dinheiro e compram sanduíches, refrigerantes, doces etc., outros, sequer tem para um picolé nos intervalos. Parece que não, mas o reflexo deste pequeno fato, atinge de maneira fatal às crianças de baixo ou nenhum poder aquisitivo, que frequentam a

## Professores ficam doentes

“Muitos são os professores que com pouco tempo de magistério apresentam sérios abalos de saúde, tanto no aspecto físico como no psíquico, devido aos baixos salários que os obrigam, para sobreviver, a trabalharem em três ou mais estabelecimentos de ensino. Quem paga caro por tudo isso é o aluno, já que as condições do professor acabam, fatalmente, por se refletir na sala de aula, prejudicando sensivelmente o aprendizado do estudante”.

A afirmação foi feita pela presidente da União dos Professores do Espírito Santo, Upes, Myrtes Corradi Bevilacqua, ao analisar a situação do professorado no Estado e as suas consequências diretas nas condições de ensino. Segundo ela, ninguém pode desempenhar bem o seu papel profissional, seja qual for a sua profissão, se não recebe salários condignos, que possam dar meios para o profissional subsistir e ter tranquilidade suficiente para um bom desempenho profissional. “Qual o professor que pode dar boas aulas, se ele trabalha o dia inteiro para ganhar o mínimo para a sua sobrevivência”?

### SITUAÇÃO

Em termos de vínculo empregatício, a situação do magistério apresenta o seguinte quadro: Existem professores estatutários, celetistas (regidos pela CLT) e os denominados credenciados, antigamente chamados de “monitores”. Contudo, existem diferenças profundas entre os três vínculos e que, segundo Myrtes Bevilacqua, contribuem para uma grande divisão na categoria. “O estatutário tem direito à estabilidade, mas o celetista não, pois pela legislação ele é vinculado ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço — FGTS. O celetista recebe o 13º salário, coisa que não ocorre com o estatutário. Já os credenciados não têm nenhum direito trabalhista assegurado. Outro detalhe é que o celetista tem direito à Previdência Social e o estatutário, se quiser ter algum benefício previdenciário, tem que se filiar a alguma instituição, como o IPAJM. Diante desse quadro o que se pode dizer é que há uma grande divisão dentro do quadro do



Mirtes: renovando denúncias

“Essas crianças vêm no professor a sua tábua de salvação. E acabam trazendo para o professor os seus problemas familiares. Por uma razão humanitária muitos professores terminam envolvidos na situação. Existem também as crianças com deficiência mental, devido a desnutrição. Estas levam o professor a um desgaste maior pois exigem muito mais durante o aprendizado já que suas condições intelectuais, abaixo da média, não possibilitam o acompanhamento na sala de aula”.

Como saída para a atual situação do magistério, não só a nível de reivindicações salariais, mas como mudança do sistema de ensino, Myrtes propõe uma reformulação total, objetivando que o ensino no Espírito Santo, assim como no país, seja já coerente com a situação atual da população brasileira. “Não podemos mais admitir que livros didáticos tragam imagens de empresas multinacionais. Há um exemplo do ocorrido comigo mesma. Minha filha chegou em casa e disse que o professor de Saúde e Higiene, baseado no livro didático da disciplina lhe dissera que o jovem deve tomar, pelo menos, um litro de leite por dia. Pergunto: com o atual preço do leite, qual a parcela das crianças em idade escolar que pode se dar a esse

## Salários de Cr\$ 50,00/hora

Paulo Cesar Patrocínio é monitor da Escola de 2º Grau do Espírito Santo, na disciplina de desenho. Salário Cr\$ 50,00 a hora. Salário médio no final do mês Cr\$ 5.500,00. “Com esse salário você é obrigado a ter outros empregos. Quem paga com isso é o aluno, pois se o professor não dosar as suas energias, no final do dia certamente não terá condições de dar uma boa aula e o aluno não terá um bom aprendizado. É a sua maior queixa.

Ele leciona no Estadual há dois anos — para alunos do 3º ano do 2º grau — e faz questão de dizer que apesar de todas as dificuldades, ainda é no magistério que encontra motivos para a sua realização. Eu me formei no curso de Desenho na Universidade Federal do Espírito Santo e sempre pensei em ser professor. Tenho dificuldades é claro, pois o salário que recebo não dá para nada. Por isso sou obrigado a desempenhar outras atividades. Mas dedico especial atenção para meus alunos”.

Patrocínio tem licenciatura plena, pois tem curso superior, mas nem por isso tem um salário compatível com a sua qualificação profissional. Como monitor ele recebe Cr\$ 50,00 por aula dada. “Tenho plena consciência que nada adiantou possuir um curso superior para ganhar um salário desse. E uma vergonha para qualquer ser humano. Como já disse gosto de ser professor e sinceramente gostaria de sobreviver só como professor, mas não dá. Então tenho outros empregos. Fato que me leva a um desgaste muito grande”.

O professor, segundo Paulo Cesar, hoje se sente um frustrado, tanto no aspecto humano como no profissional. “Você planeja o mês e no final não recebe. Chega dentro da sala de aula e na sua cabeça estão os débitos, os cobradores, as dívidas, tudo isso gera insatisfação. Tenho então que fazer de tudo para não passar os meus problemas pessoais e particulares para os meus alunos. Isso é difícil e desgastante.

Sem receber

Use disse ainda que: "A reivindicação de mais verbas para a educação, simplesmente, não resolve. A existência da verba não significa a disponibilidade de recursos. Deve-se reivindicar também recursos extraorçamentários." Stélio Dias explicou que outros setores têm esses recursos, como é o caso do setor de transportes, onde além dos recursos orçamentários, existem recursos provenientes da TRU, etc. No caso da educação há somente o Salário Educação, que o secretário Stélio Dias considera inadequado, tanto na forma como é coletado como na distribuição.

Para 1981, o secretário pretende realizar uma campanha denominada "Aqui há vagas", que consistirá em obter vagas para alunos de 7 a 14 anos, nem que para isso seu órgão tenha que pagar o transporte dos estudantes. Outra intenção do secretário é cercar todas as variáveis que influenciam no rendimento do ensino, fazendo a adequação das necessidades educação-trabalho-emprego.

Apesar das intenções do secretário, o ceticismo é grande. A presidente da União dos Professores do Espírito Santo, Myrtes Bevilacqua é taxativa. "Só uma reforma pela base no ensino brasileiro é que modificará o atual quadro existente. Os professores passam fome, com os salários que ganham, as famílias não têm condições financeiras para alimentar adequadamente as crianças e essas vão para as salas de aula famintas. O que podemos esperar destes jovens no futuro?"

para a democratização da escola. Há uma forte correlação entre a população sem renda e a sem instrução".

#### DOCUMENTO

O documento frisava ainda que apesar das melhorias verificadas no setor, o ingresso tardio de crianças das camadas mais pobres na escola — por falta de escola próxima à residência, por imaturidade físico-emocional da criança, ou por insegurança dos pais quanto ao sucesso dos filhos — contribuem para as baixas taxas de escolarização na faixa etária de sete a 14 anos. Isso sem contar que, a oferta de escolas na zona rural é precária e insuficiente na zona urbana. Quanto ao desempenho escolar, o documento diz que "é por sua vez desigual para as diversas classes sociais. Contribui para esta diferença de desempenho a própria estrutura dos cursos, dos currículos e dos padrões de avaliação estabelecidos que não levam em consideração a realidade dos níveis sociais existentes". Normalmente os alunos oriundos de classes mais pobres, já carentes física e emocionalmente se sentem bloqueados e sem estrutura para o desempenho que deles se espera. "Essas crianças frutos de uma educação familiar difusa onde imperam valores diferentes dos que lhe são impostos pela escola, são quase sempre repetentes e em defasagem de idade versus série. E acabam se evadindo para ingressar na força de trabalho, quando chegam aos 10, 12 ou 14 anos".

Outro documento, lançado em 1979 pela União dos Professores do Espírito Santo — mas que permanece até hoje com vários pontos atualizados segundo a presidente da entidade Myrtes Bevilacqua — analisa o magistério, parte integrante e talvez a mais importante dentro da questão do ensino no Brasil. O documento na sua apresentação retrata, de forma progressiva, a angústia do professorado ante os problemas sofridos pela intrinsecidade do Estado, pela interferência do político, e as vezes até pela má vontade de administradores".

Ponto polêmico, e que constava das reivindicações dos professores do Espírito Santo, a ingerência dos políticos ainda persiste. Diz ainda o documento: "um dos cânceros da educação no Espírito Santo é a intromissão do político, com fins eleitoreiros, nos negócios educacionais. Com sua nefasta influência burla a lei, desrespeita regulamentos, cria desigualdades,

não, mas o reflexo deste pequeno fato, atinge de maneira fatal às crianças de baixo ou nenhum poder aquisitivo, que frequentam as escolas para, na maioria das vezes, ter a oportunidade de merendar".

A situação parece clara professores com remuneração condigna, alunos carentes e estabelecimentos de ensino destituídos de condições mínimas para um funcionamento adequado. O final disso é evidente. Na semana passada o ministro da Educação, Eduardo Portella declarou que: "o Brasil vive agora sua maior crise educacional". Disse ainda que "um conjunto de coisas foram acontecendo ao longo de 20 anos e se cristalizou neste instante. Então, precisou-se de 20 anos para que o Frankstein adquirisse todos os seus contornos fisionômicos. Em seguida, precisou-se também de um regime de abertura política para que as coisas pudessem aflorar e serem vistas à luz do dia. Com a incômoda e saudável claridade da luz do dia".

Para o ministro não há estrutura de ensino médio no Brasil, porque somente 20% dos alunos de Primeiro Grau chegam ao Segundo. O ministro Portella dizia em abril deste ano que: "o problema da educação no Brasil não é de verbo, e sem de verba". Com efeito ele tinha e tem razão. A partir do segundo semestre de 1980, estudantes do país inteiro iniciaram uma ampla mobilização reivindicando 12% do orçamento da União para o setor educação, como era destinado em 1964 e 20% dos orçamentos estaduais e municipais. Os apelos maiores partiram dos universitários, e é entre eles que vão ser encontrados os reflexos mais graves da péssima qualidade de ensino.

Recentemente a Universidade Federal do Espírito Santo divulgou um relatório onde apontou as principais falhas detectadas por professores nas provas de redação dos vestibulares de 1978, 1979 e 1980. A conclusão contida a respeito da prova de 1979 diz: "um professor de português precisa dar muitas aulas por semana em vários colégios, para garantir a própria sobrevivência. Se mal lhe sobram momentos para descansar o corpo e a garganta, a fim de aguentar o excesso de carga horária, como esperar que arranje tempo para preparar aulas, estudar e corrigir redações?" Esta, na opinião da comissão que corrigiu as redações, é a base da razão dos cursos de 1º e 2º graus serem deficientes.

quadro o que se pode dizer é que há uma grande divisão dentro do quadro do magistério.

As divisões também são bem claras quando analisadas as diferenças salariais em cada categoria. Os credenciados, divididos em três grupos, apresentam os seguintes salários: credenciado um: Cr\$ 1.309,62; credenciado dois Cr\$ 2.200,00 e credenciado três: Cr\$ 50,00 por hora. Esta categoria está há 16 meses sem receber qualquer reajuste e por isso entrou em greve na última semana. Na área dos efetivos, o salário inicial é de Cr\$ 4.430,00. De acordo com a presidente da Upes, Mirtes Bevilacqua, em cima deste salário o Governo concedeu um abono salarial de 70%, mas que não inseriu sobre as vantagens dos professores, além de ser inferior ao índice da inflação. Os professores de licenciatura plena recebem Cr\$ 9.680,00 e o abono de 70%. O regente de classe recebe este mesmo salário, mais um adicional de 40% pela regência. Estes professores que tiveram o abono desejam que ele seja incorporado ao salário e não abatido do reajuste que o Governo der. Pensando nisso eles estão elaborando um abaixo-assinado contendo suas reivindicações.

#### SALÁRIOS

Myrtes Bevilacqua diz que o maior problema do magistério, no Espírito Santo, são os baixos salários sobretudo para os ex-monitores, hoje chamados de "credenciados". "O professor é obrigado a dar aulas em vários colégios para melhorar sua situação financeira. Em pouco tempo fica com a saúde abalada. E invariavelmente esta situação vai se refletir na sala de aula, prejudicando o aprendizado dos estudantes. Além dos seus afazeres como professor, em muitos estabelecimentos, estes profissionais são obrigados a varrer as salas de aula, preparar merendas, coletar material na comunidade para realização de festas e outras tarefas".

Outro aspecto que contribui para o desgaste emocional dos professores, na opinião da presidente da Upes, é o fato da maioria ter que trabalhar com crianças oriundas de famílias pobres e carentes.

de leite por dia. Pergunto: com o atual preço do leite, qual a parcela das crianças em idade escolar que pode se dar a esse luxo?

Então fica claro que há uma total defasagem entre o nível de vida da população e o ensino que é ministrado. Sobre o aspecto salarial posso dizer que ele tem que ser modificado. Que exemplo pode dar um professor que se veste mal e mora em um barraco, para o aluno? O estudante vai acabar por perguntar-se: para que estudar? E concluirá, inevitavelmente que se o professor estudou e vive nessas condições como faria ele, aluno? Estudar para isso?" Esta contradição influi até no próprio rendimento do professor obrigado a enfrentar, também, a revolta íntima do aluno". Ainda sobre este último aspecto, Myrtes alertou que muitas escolas e professores ainda apresentam para o aluno que o ideal é "ser doutor". "Muitos ainda fazem o jogo do sistema, e isso tem que mudar", afirmou ela.

Também a respeito dos currículos, houve críticas da presidente da Upes. Ela vê os atuais currículos elaborados no país, como sendo de cima para baixo, e dentro de gabinetes. "Esses currículos são elaborados nas Secretarias de Educação, sem a participação daqueles que efetivamente vivem o dia-a-dia das salas de aula, ou sejam, os regentes de classe", os professores. Portanto os currículos são totalmente divorciados da realidade. E o professor que não participa da elaboração é obrigado a colocá-lo em prática e é cobrada a execução. É necessária uma reforma pela base, pois hoje o professor não sabe o que está fazendo na sala de aula".

Sobre a situação na zona rural, Myrtes classificou-a como "pior ainda" devido à inadequação entre ensino e meio rural, basicamente porque não se estabelece um calendário, de acordo com as épocas de colheita. "Isso não acontecendo na época da colheita, quando as crianças são mão-de-obra importante para a sobrevivência das famílias, há um verdadeiro êxodo das salas de aula. O trabalho do aluno na lavoura, no auxílio a seus pais é necessário para a sobrevivência da família. Então a frequência cai. Então sentimos que não há planejamento.

## Sem receber há três meses

— Não é raro um aluno chegar na escola bem cedo e virar para mim e dizer: Professora, eu não tomei café hoje. E lá vou eu pegar uma caneca de café e dar para aquela criança. Aluno com fome é o que não falta na minha escola e é o professor que acaba por ter que resolver também este problema".

A declaração é da professora Hilda Scarpino Ramalho, com 22 anos de magistério no Espírito Santo, e com um salário de Cr\$ 5.320,00. Mesmo assim porque dá aulas em dois expedientes. Das 7 às 11 horas e das 19 às 22 horas, na Escola de 1º Grau "Stelita Ramos", em Porto Novo, município de Cariacica. Hoje com 44 anos, ela, que sempre lecionou nesse estabelecimento, sobrevive graças à ajuda de parentes.

Mesmo ganhando esse salário Hilda tem outro problema: não recebe. Ela teve a sua carteira de trabalho assinada pelo Estado por decisão judicial, mas o Governo não reconhece essa situação e há três meses ela não percebe seus salários. Atualmente ela se encontra em greve, como os demais monitores.

Segundo suas próprias revelações quando começou a lecionar, o salário que ela recebia era muito superior ao de hoje. "Naquele tempo não havia inflação, recebíamos em dia. Hoje com essa inflação toda, temos baixos salários e mesmo assim recebemos atrasado. Isso quando recebemos. Hoje para sobreviver tenho que contar com a ajuda da minha família, caso contrário morreria de fome".

Sobre a situação dos alunos, no que se refere à alimentação, ela diz que "graças a Deus" existe a merenda escolar. "Quando falta é um Deus nos ajuda. As crianças reclamam, pois têm fome. Vez por outra, quando desejamos fazer uma sopa, pedimos que elas tragam de casa algum legume para a preparação da sopa. Sabe, criança com fome é difícil de aprender. Eles ficam preguiçosos, dormem na aula e constantemente reclamam. É triste ver uma criança desanimada na sala de aula, devido à fome".